

# SUCOT: A CAMINHADA DA LIBERDADE REFLEXÕES PARA NOSSO TEMPO

Ana Luiza Grillo Balassiano<sup>1</sup>

## Resumo

O presente texto reflete acerca da temática da liberdade: encontros e desencontros, à luz da festa judaica de *Sucot*. O povo que atravessou o deserto, vivendo como nômade na busca da liberdade, após terem sido escravos no Egito, pode nos ajudar a pensar o conceito de liberdade do nosso tempo. No aprofundamento da temática é importante situar que o conceito de liberdade é multifacetado, mas o objetivo da reflexão é pensar a liberdade no campo social e cultural da convivência entre os diferentes. O estudo a seguir aponta para questões plurais, ampliando o conhecimento e as reflexões dos caminhos da liberdade individual e coletiva que andam sempre juntas.<sup>2</sup>

**Palavras – chave:** tradições culturais religiosas – diáspora – liberdade – laicidade

## Introdução

Ao apresentar a tradição cultural religiosa judaica da celebração da **festa de Sucot** relacionada com a temática da “Liberdade: encontros e desencontros”, começamos pela construção da **sucá**<sup>3</sup>, da tenda.

A sucá é essencialmente uma tenda ao ar livre com uma cobertura de vegetação. Deve ser construída todo ano, ou seja, não podemos deixá-la já montada para os próximos anos. As paredes da sucá não tem um material específico, pode ser de livre escolha, desde que se sustentem ao sinal de ventania e que sejam à prova d’água por conta das chuvas que podem acontecer nos dias de *Sucot*. O espaço de entrada e saída deve ser livre e aberto. A cobertura é feita de folhagem natural sem acabamento, para melhor sustentação, quatro pilares são colocados um em cada canto. A cobertura nos lembra da proteção divina quando o povo saído do Egito, viajava no deserto. A iluminação interna deve ser feita com material contra chuva e corrente elétrica. Depois de pronta a tenda, deve ser colocado mesa e cadeiras, visto que pelo menos uma refeição e atividades cotidianas devem ser realizadas no interior da mesma. Muitas comunidades decoram a sucá com imagens temáticas da festa ou também pendurando frutas

---

<sup>1</sup> Arquiteta; doutora em educação (USP)/ Sorbonne PARIS 13. Coordenadora do braço judaico do diálogo católico - judaico (RJ) e membro do Conselho Estadual de defesa da liberdade religiosa (CONEPLIR) e do Conselho Municipal de inclusão e defesa da liberdade religiosa (COMPLIR)

<sup>2</sup> Este artigo tem como ponto de partida a argumentação construída para a minha participação na XIV Semana de Cultura Religiosa da PUC-rio, realizada em setembro de 2023. Agradeço ao Departamento de Teologia desta Universidade pelo convite e oportunidade de desenvolver esta reflexão

<sup>3</sup> Há mais de 20 anos, através do Diálogo Católico-Judaico (DCJ) coordenado pelo Padre Jesus Hortal, na época reitor da PUC-rio e Diane Kuperman, coordenadora do braço judaico do DCJ, que praticamente todo ano, montamos a “sucá da na PUC-rio”, projeto PUC - rio / Associação Religiosa Israelita (ARI); Desde a montagem até a celebração de Sucot, são momentos de trocas compartilhadas de conhecimento e tal como as setenta nações que participavam da festa de Sucot, recebemos na nossa tenda a diversidade comunitária da Universidade, ressaltando a importância de grupos de diálogo inter-religiosos; importante destacar o papel de Vera Hazan, que foi professora do Departamento de Arquitetura, falecida em 2021. A arquiteta foi a responsável pelo design atual da sucá, que contou com a participação de alunos para a construção da tenda autossustentável, o que dá uma dimensão educativa criativa reflexiva para a tenda da acolhida.

frescas já que Sucot é também conhecida como a festa da colheita. O espaço organizado para a montagem deve ser na medida do possível amplo. Uma das tradições da festa é convidarmos pessoas para compartilhar conosco a experiência da sucá, quando participavam às 70 nações ali existentes. Sucá construída, vemos o céu pelas brechas da folhagem e sentimos também a fragilidade da tenda que pode ser comparada à fragilidade da vida com seus altos e baixos.

No interior da sucá acontece a bênção com as quatro espécies. Lulav, Etrog, Hadass e Aravah. Cada uma destas espécies, diferentes, mas complementares: o Lulav (tamareira) é comestível, mas não tem cheiro; o Etrog tem um bom gosto e uma boa fragrância.; o Hadass (murta) tem uma boa fragrância, mas não é comestível e o Aravah (salgueiro) não tem sabor nem cheiro. As quatro espécies exemplificam o compromisso com a diversidade, equidade e inclusão. Cada um representa uma singularidade que unidas num todo são mais fortes. A humanidade é uma unidade indivisível. Tal entendimento de que estamos todos interconectados, nos faz olhar para o diferente como um igual a quem se deve respeitar e buscar uma coexistência pacífica. Sabemos que no “mundo-real” muito temos ainda que construir, compartilhar, conhecer, lutar para que o terror, a intolerância, os desencontros não sejam a máxima da caminhada de cada indivíduo e de toda a humanidade.

Ao entrar por um tempo na sucá, lembramos não só do tempo de caminhada no deserto, mas dos inúmeros momentos que diferentes gerações tiveram que circular e migrar para outros lugares e experimentar o exílio face às intolerâncias e massacres perpetrados contra os judeus desde os tempos bíblicos, passando pela inquisição, pogroms e culminando com a *Shoah*<sup>4</sup>. Até o término da segunda guerra e a fundação do Estado de Israel (1948), judeus espalhados pelo mundo viviam se deslocando em face da intolerância e do antissemitismo local reinante. Aonde encontram pouso seguro, participam e contribuem com as sociedades que os acolhem. O antissemitismo que muitas vezes - como agora -, cresce mundo a fora, faz com que muitos judeus peçam aliah<sup>5</sup> (viver em Israel), este é o diferencial desde a criação do Estado de Israel em 1948: judeus tem Israel como sua casa permanente. Pensar o tempo de exílio a partir das garantias de liberdade que nos foram interdidas é um dos focos propostos nesta reflexão. Por outro lado, vale lembrar também o que Sucot traz de universal para se pensar como se dão as relações entre os diferentes. Indiferença, silenciamento, fraternidade, solidariedade são situações que aproximam ou distanciam um dos outros, a partir de nossas escolhas, já que somos livres, até onde vai nossa livre escolha?

## **Liberdade e sua expressão na festa de Sucot**

---

<sup>4</sup>Holocausto ou Shoah, palavra hebraica que significa destruição, catástrofe; é um termo usado para registrar o fenômeno da destruição sistemática, perseguição, exclusão, trabalho forçado, tortura, guetização, extermínio de seis milhões de judeus, genocídio e toda sorte de barbáries impetradas contra os judeus sobretudo na Alemanha e nos campos de extermínio.

<sup>5</sup> É o ato conhecido como imigrar para Israel para todo aquele que é judeu. O que não invalida um não judeu de viver em Israel como se fez em qualquer outro país, seguido as normas locais.

A temática da liberdade acompanha a humanidade desde os tempos bíblicos e continua influenciando a construção das múltiplas identidades individuais e a relação do homem com a sociedade pós-moderna. O discurso de liberdade e a necessidade de conceituá-la atravessa espaços, tempos plurais e diversos.

Posto isto, o presente artigo visa refletir a temática da “Liberdade: encontros e desencontros” a partir do olhar para a celebração da festa de Sucot: festa das Cabanas.

De outro lado, vamos também nos ancorar no processo histórico da definição do conceito de liberdade no mundo moderno e em especial no mundo do nosso tempo, com destaque para as circularidades e a diversidade humana nas quais as singularidades são constituídas de múltiplos pertencimentos que carregamos na nossa existência.

Ao se pensar em liberdade, estamos olhando para o indivíduo na sua relação com o outro e, de forma mais ampla, do indivíduo em sociedade. Portanto, é equacionar liberdade ao âmbito de direitos civis, políticos e sociais. E nesse particular, a experiência de Sucot tem muito a nos dizer da temática tratada, na perspectiva reflexiva a partir de tradições culturais religiosas.

Sucot - festa que começa no 15º dia do mês de Tishrei, do calendário judaico (no ano civil de 2024 corresponde ao dia 16 de outubro). É uma das três festas<sup>6</sup> de peregrinação, conhecidas como “*Shloshet ha Regalim*”. Elas têm origem na antiguidade, quando o povo de Israel peregrinava para o Templo de Jerusalém. Sucot relembra os 40 anos da trajetória dos judeus no deserto, após a saída do Egito. Nesse período, o povo era nômade e vivia em pequenas tendas ou cabanas frágeis e temporárias. Por isso, o principal costume da festa, atualmente, é a construção de uma Sucá (Cabana), onde os judeus fazem pelo menos uma refeição, com o objetivo de recordar o que passaram seus ancestrais no deserto. Em latim, a palavra Sucá foi traduzida como Tabernaculum, que significa abrigo provisório ou cabana. Como a festa coincide com a estação das colheitas em Israel, o período também é conhecido como festa das colheitas.

A festa de Sucot, em especial a tenda que viviam caminhando pelo deserto, após o êxodo, representa um abrigo sem porta, traz a liberdade de ir e vir, de entrar e sair, na qual a confiabilidade no outro, no diferente, está posta. Viver em cabanas, tendas pelo deserto se aproxima da experiência vivida por exilados e fugitivos das tantas guerras que atravessaram e atravessam a humanidade. O tempo de Sucot é também um tempo de deslocamento, de sair do lugar na busca da liberdade, expressa pela caminhada na direção da Terra Prometida. A universalidade de Sucot é observada no mandamento da Torá exclusivo à festa: 70 touros teriam que ser sacrificados no Templo Sagrado de Jerusalém durante a semana da festividade (Números 29:12-34). O ensinamento judaico explica que tais sacrifícios eram oferecidos em nome das setenta principais nações do mundo daquele tempo. O que ressignifica o entendimento que cabe em cada sucá, em cada grupo, em cada comunidade, de pedir e lembrar da sociedade maior e da complexidade da diversidade do planeta terra. Sucá se reporta também ao tempo da colheita

---

<sup>6</sup> *Pessach, shavuot e sucot* são as três festas de peregrinação do calendário judaico.

e a outra passagem que leva à universalidade da festa, ao pedir a bênção das chuvas para todos os campos terem um novo ciclo de plantações abundantes para o próximo ano.

Sucot é uma das festas judaicas mais universais e também mais judaicas na sua essência, pois ao se sentar dentro da Sucá, cada judeu lembra não somente dos 40 anos de peregrinação pelo deserto em direção a Terra Prometida, mas também da experiência do exílio, já que a sucá é definida como uma morada temporária. Sucot tem, portanto, um significado todo especial - habitar num lugar temporário frente as diversas perseguições -, desde os tempos bíblicos até nossos dias. A história do povo judeu é a história de milênios de anos forçado a viver na diáspora, emigrando com frequência e sendo expulso dos tantos lugares por questões de preconceito religioso e antissemitismo.

Retornando ao tema central da “Liberdade: encontros e desencontros”, e com olhar para o espaço micro de nosso tempo e espaço da sociedade brasileira, trago aqui uma questão reflexão: o que tem em comum a laicidade do Estado, a democracia e a liberdade de crenças?

No Brasil vivemos num estado laico, o que significa liberdade para que cada indivíduo exerça sua crença religiosa ou não. Esse é um pressuposto que só pode acontecer se cada crença religiosa compreender o exercício pleno de sua conexão com seu Divino, assim como respeitar e acolher as demais crenças religiosas e também as não religiosas. Liberdade e democracia andam juntas. Qualquer que seja o lugar não democrático, nele ficam cerceados os direitos de liberdade, como acontece nas ditaduras e nos regimes totalitários, acrescentando ainda neste rol os regimes totalitários nos quais a liberdade de cada um exercer sua crença é conformada por uma série de interditos que ferem muitas vezes os direitos individuais de certos grupos subjugados ao regime local.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Tratar de liberdade implica se abrir para a diversidade que nos cerca, não com sectarismo, mas sim compartilhar a casa comum de todos, cada um com suas especificidades. Viver é usufruir da liberdade compartilhada, na qual o contrato social é fundamental, com pactos legais e garantias individuais e coletivas. Como educar para a liberdade, sobretudo para a liberdade religiosa num país como o Brasil, com sua gama de diversidade cultural? Neste contexto, educar é abraçar a perspectiva que engloba experiências, vivências, conhecimentos, acolhimentos que conectam o ato de educar em uma concepção dialógica.

Nesta breve contribuição não podemos deixar de registrar no nosso tempo presente o crescente antissemitismo que abala o mundo, em especial após o ataque terrorista acontecido em Israel no último dia 7 de outubro de 2023. É cada vez mais necessário e urgente criar espaços de informação, de conhecimento, de reflexão, visitar conceitos e repudiar o uso obtuso, desenfreado dos discursos de ódio que inflamam os conflitos e as guerras. A liberdade individual deve estar atenta ao compromisso que cada um deve ter com o outro, para que possamos ter mais encontros do que desencontros na caminhada que é sempre individual e coletiva.

A eterna vigilância das práticas individuais e coletivas é um exercício constante na busca de atingir a liberdade individual e coletiva, que nos torne homens e mulheres mais conscientes do mundo que nos cerca em processo contínuo de construção e reconstrução.

Isto posto sugiro para ampliação do tema priorizar documentos importantes relacionados ao processo histórico do diálogo católico-judaico, assim como também perceber que a perspectiva dialogal deve se estender à pluralidade das tradições culturais religiosas, mantendo o diálogo católico-judaico com sua pertinência própria.

Nessa perspectiva, o encontro de Jules Isaac,<sup>7</sup> intelectual judeu francês com papa Pio XII em 1949, explicita uma lista de 18 pontos que pertinentes para uma educação cristã sobre o judaísmo, pelo fato de que “Jesus era judeu” e “o julgamento de Jesus foi um julgamento romano, e não judeu”. E depois, o encontro entre o papa João XXIII com Jules Isaac a 13 de junho de 1960 quando refletiram quanto a formulações negativas com relação aos judeus e aos muçulmanos presentes no ritual romano. Este foi outro acontecimento que merece ser apreendido no contexto das relações entre o judaísmo e o catolicismo, na perspectiva dialógica.

A tomada de consciência que somos livres, mas que nossa liberdade tem um campo de atuação que não pode ultrapassar os limites da liberdade do outro que está ao seu lado é um exercício contínuo para alcançarmos uma liberdade que produza mais encontros que desencontros.

### QUESTÕES PARA REFLEXÃO

1. Até que ponto os discursos de ódio levam a discriminação desenfreada, e como combater tais práticas num mundo de fronteiras tênues como na pós-modernidade?
2. Será que somos livres para tomar decisões e agir de acordo com nossa própria vontade e consciência?
3. Entre tantas as violações que o ataque terrorista do último sete de outubro produziu contra Israel- a barbárie do estupro, das mutilações, dos sequestros que até hoje perdura para mais de uma centena de homens, mulheres, jovens, crianças e bebês -, e à luz dos conceitos de liberdade individual e coletiva, como se enquadram os atos terroristas, já que terrorismo pode ser definido como o uso calculado de violência para atingir questões políticas, religiosas ou ideológicas, executadas através de violência física, intimidação, constrangimento com instalação do pânico, medo.
4. De que maneira os conflitos, as guerras produzem um desenfrear dos limites da liberdade humana? Posto isso, como se pensar caminhos para uma educação libertadora, num universo multifacetado?

### REFERÊNCIA

PLAUT, W. Gunther. Chumash. A Torah: um moderno comentário (edição revisada). União do Judaísmo Reformista para a América Latina, 1981

<sup>7</sup> Jules Isaac foi também um dos fundadores da **Amitié Judéo-Chrétienne de France**, uma organização dedicada a promover a amizade entre cristãos e judeus, e uma de suas obras históricas mais conhecidas era um livro de 1947 intitulado “**Jésus et Israël**”, que explorava as raízes judaicas de Jesus.